

## INTRODUÇÃO

### CRISTO, A CRUCIFICAÇÃO E OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

---

---

A mais importante pergunta do século 21 é: por que Jesus Cristo sofreu tanto? Porém, jamais veremos a importância disso se não formos além das causas humanas. A resposta final à pergunta: “Quem crucificou a Jesus?” é: foi Deus. E um pensamento avassalador Jesus era Filho de Deus. O sofrimento foi insuperável. Mas toda a mensagem da Bíblia nos leva a essa conclusão.

#### **Deus designou isso para o bem**

O profeta hebreu Isaías disse: “... ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar” (Is 53.10). O Novo Testamento cristão declara: “[Deus] não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou” (Rm 8.32). “Deus propôs [a Cristo], no seu sangue, como propiciação, mediante a fé” (Rm 3.25).

Mas como esse ato divino se relaciona com os atos terrivelmente pecaminosos dos homens que mataram a Jesus? A resposta dada na Bíblia se expressa numa das primeiras orações: “... verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus... Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito pré-determinaram” (At 4.27-28). A profundidade e o alcance dessa

soberania divina são de tirar o fôlego. Mas são também a chave para nossa salvação. Deus o planejou e, por meio de homens iníquos, veio ao mundo grande bem. Parafraseando uma palavra da Torá judaica: “Eles, na verdade, intentaram o mal, porém Deus o tornou em bem” (Gn 50.20).

Como Deus o tornou em bem, devemos ir além da questão da causa humana para a do propósito divino. A questão central na morte de Jesus não é sua causa, mas seu propósito – o significado. O homem pode ter tido suas razões para querer tirar Jesus do caminho. Mas só Deus podia planejar isso para o bem do mundo. De fato, os propósitos de Deus para o mundo na morte de Jesus são insondáveis. Neste livro, estou apenas arranhando a superfície ao apresentar-lhe cinquenta razões pelas quais Jesus morreu. Meu alvo é deixar que a Bíblia fale. É nela que ouvimos a Palavra de Deus. Espero que estes indicadores o coloquem numa procura sem fim de conhecer cada vez mais o grande plano de Deus na morte de seu Filho.

### **O que significa a palavra *paixão*?**

Associamos pelo menos quatro coisas com a palavra *paixão*: desejo sexual, zelo por uma tarefa, um oratório de J. S. Bach e os sofrimentos de Jesus Cristo. A palavra vem do latim e significa *sofrimento*. É dessa forma que a emprego aqui – como os sofrimentos e a morte de Jesus Cristo. Mas também está relacionada com todas as outras paixões. Aprofunda o sexo, inspira a música e leva adiante a maior causa que existe no mundo.

### **De que modo a paixão de Jesus foi singular?**

Por que o sofrimento e a execução de um homem julgado e condenado como pretendente ao trono romano desencadeou, nos três séculos seguintes, poder para sofrer e amar de tal modo

que transformou aquele império romano e até o dia de hoje está formando o mundo? A resposta é que essa paixão de Jesus foi absolutamente singular, única, e sua ressurreição dos mortos três dias depois foi um ato de Deus que vindicou aquilo que sua morte alcançou.

Sua paixão foi única porque ele era mais que mero humano. Não menos. Ele era, como diz o antigo *Credo Niceno*, “verdadeiro Deus do verdadeiro Deus”. Este é o testemunho daqueles que o conheceram e foram por ele inspirados a explicar quem ele é. O apóstolo João referiu-se a Cristo como “o Verbo” e escreveu: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez... E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.1-3,14).

Acrescente à sua divindade o fato de que ele era totalmente inocente em seus sofrimentos. Não somente inocente da acusação de blasfêmia, mas inocente de todo pecado. Um de seus discípulos mais próximos disse: “... o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca” (1Pe 2.22). Acrescente a essa singularidade que ele assumiu a morte com autoridade absoluta. Uma das mais surpreendentes declarações de Jesus foi sobre sua própria morte e ressurreição: “Eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Recebi de meu Pai este mandado” (Jo 10.17-18). A controvérsia sobre quem matou Jesus é periférica. Ele *escolheu* morrer. Seu Pai o ordenou. Ele o abraçou.

## **Sua paixão foi vindicada por sua ressurreição**

Graças a essa paixão sem paralelos, Deus ressuscitou Jesus dos mortos. Três dias depois, aconteceu. De manhã cedinho, no

domingo, ele ressurgiu dos mortos. Apareceu muitas vezes a seus discípulos durante quarenta dias antes de sua ascensão aos céus (At 1.3).

Os discípulos demoraram bastante para crer que realmente tivesse acontecido. Eles não eram primitivos crédulos. Eram comerciantes com pés no chão. Sabiam que as pessoas não ressuscitam. Em uma ocasião, Jesus insistiu em comer peixe junto deles para provar que não era um fantasma (Lc 24.39-43). Essa não era a ressurreição de um cadáver. Era a ressurreição do Deus-homem para uma nova vida indestrutível. A igreja primitiva o aclamou Senhor dos céus e da terra: "... depois de ter feito a purificação dos pecados, [ele] assentou-se à direita da Majestade, nas alturas" (Hb 1.3). Jesus havia completado a obra que o Pai lhe dera para fazer e a ressurreição foi prova de que Deus estava satisfeito. Este livro é sobre o que a paixão de Jesus realizou para o mundo.

## **A paixão de Cristo e a paixão de Auschwitz**

É trágico que a história da paixão de Cristo tenha produzido antissemitismo contra os judeus e a violência de cruzadas contra muçulmanos. Nós cristãos nos envergonhamos de muitos de nossos antepassados que não agiram no espírito de Cristo. Sem dúvida, existem traços dessa praga em nossa própria alma. Mas o verdadeiro Cristianismo – que é radicalmente diferente da cultura ocidental – renuncia o avanço da religião por meios violentos. Jesus disse: "O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim" (Jo 18.36). O caminho da cruz é o caminho do sofrimento. Os cristãos são conclamados a morrer, não matar, a fim de mostrar ao mundo como são amados por Cristo.

Hoje esse humilde e ousado amor recomenda Cristo - não obstante o custo - a todos os povos, como o único caminho salvador até Deus: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). Mas coloquemos

com clareza cristalina: não é cristão humilhar, ou desprezar, ou debochar ou perseguir com comentários mordazes e arrogantes, massacres, cruzadas ou campos de concentração. Esses foram e são, simples e terrivelmente, desobediência a Jesus Cristo. Diferente de muitos de seus seguidores, Jesus orou na cruz: “Pai, perdoá- lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23.34).

A paixão de Jesus Cristo é o mais importante evento da História, e a questão política e pessoal mais explosiva do século 21. Negar que Cristo foi crucificado é como negar que tivesse acontecido o Holocausto. Para alguns, é horrível demais para se afirmar. Para outros, é uma conspiração elaborada para coagir a uma empatia religiosa. Mas os negadores vivem em um mundo historicamente de sonhos. Jesus Cristo sofreu horrores e morreu. Assim também sofreram os judeus.

Não sou o primeiro a ligar o Calvário e os campos de concentração - o sofrimento de Jesus Cristo e o sofrimento do povo judeu. No seu livro que aperta o coração, despedaça a inocência e cala qualquer boca, *Night*, Elie Wiesel conta sua experiência como adolescente junto a seu pai nos campos de concentração de Auschwitz, Buna e Buchenwald. Havia sempre a ameaça da “seleção” – o afastamento dos mais fracos para serem mortos e queimados nos fornos.

Em determinado ponto – e em um somente – Wiesel liga o Calvário e os campos. Ele conta de um velho rabino, Akiba Dumer.

Akiba Dumer nos deixou, vítima da seleção. Ultimamente, ele havia vagueado entre nós, olhos vidrados, contando a todos sobre sua fraqueza: “Não posso continuar... tudo acabou...” Era impossível levantar seu moral. Ele não escutava o que nós lhe dizíamos. Só sabia repetir que tudo acabara para ele, que ele não podia mais continuar a luta, que não tinha mais forças, nem fé. De repente, seus olhos ficavam vazios, nada senão duas feridas abertas, duas fossas de terror.<sup>1</sup>

A seguir, Wiesel faz este comentário provocador: “pobre Akiba Dumer, se apenas pudesse continuar acreditando em Deus, se pudesse ter visto a prova de Deus nesse Calvário, não teria sido levado pela seleção”.<sup>2</sup> Não ousou colocar palavras na boca de Wiesel. Não tenho certeza do que queria dizer com isso. Mas essa declaração força a pergunta: “Por que a ligação de Calvário com o campo de concentração?”.

Quando faço essa pergunta, não estou pensando em causa ou culpa. Estou pensando em significado e esperança. Existe algum modo pelo qual o sofrimento judeu possa encontrar, não sua causa, mas seu significado final no sofrimento de Jesus Cristo? É possível pensar, não na paixão de Cristo que leve a Auschwitz, mas em Auschwitz levar ao entendimento da paixão de Cristo? É a ligação entre o Calvário e os campos de extermínio uma ligação de insondável empatia? Talvez somente Jesus saiba afinal o que aconteceu numa “única longa noite”<sup>3</sup> do sofrimento judeu. E, quem sabe, uma geração de gente judia, cujos avós sofreram sua própria crucificação nociva, seja capaz, como mais ninguém, de entender o que aconteceu com o Filho de Deus no Calvário. Deixo isso como uma pergunta. Eu não sei.

Mas isto eu sei: os supostos “cristãos” que construíram os campos jamais conheceram o amor que levou Jesus Cristo ao Calvário. Nunca conheceram o Cristo, que em vez de matar para salvar uma cultura, morreu para salvar o mundo. Existem, porém, alguns cristãos – verdadeiros cristãos – que viram o significado da paixão de Jesus Cristo e foram quebrantados e humilhados por seu sofrimento. Será que esses, talvez melhor que muitos, poderiam ver e pelo menos começar a entender o sofrimento do povo judeu?

Que ironia ter havido cristãos antissemitas. Jesus e todos os seus primeiros seguidores eram judeus. Pessoas de todos os grupos da Palestina estavam envolvidas na crucificação (não só judeus). O próprio Deus foi o principal agente na morte de seu Filho, e assim, a principal pergunta não é: “quais seres humanos causaram a morte de Jesus?”, mas, sim: “o que a morte de Jesus

trouxe para todos os seres humanos - incluindo judeus e muçulmanos, budistas, hindus e secularistas sem religião - e todos os povos em todo lugar?”

Afinal, a pergunta crucial é: por quê? Por que Cristo sofreu e morreu? Não por que no sentido de *causa*, mas, sim, no sentido de *propósito*. Para quê? O que Cristo alcançou por sua paixão? Por que teve de sofrer tanto? Que grande evento ocorria no Calvário para o mundo todo?

É sobre isso o texto deste livro. Juntei cinquenta razões dadas no Novo Testamento pelas quais Cristo sofreu e morreu. Não cinquenta causas de sua morte, mas cinquenta propósitos. Infinitamente mais importante do que quem matou a Jesus é a pergunta: *O que Deus obtém para os pecadores como nós ao enviar seu Filho para morrer?* Nós nos voltamos agora para isso.